

BENO COMO REPRESENTAÇÃO TRANSGRESSORA EM AL BERTO NA OBRA *LUNÁRIO*

Erivaldo Santos de Sousa¹

Resumo: Alberto Raposo Pidwell Tavares (1948-1997) que usou o pseudônimo de Al Berto foi uma das grandes expressões da literatura contemporânea lusitana da sua época. A narrativa do seu romance *Lunário* (1988) trata de uma escrita metamorfose da qual pode se perceber na trama um jogo de corpos dos personagens entre rostos, cidades e bares. O autor-narrador-personagem se inclui na atmosfera notívaga, se multiplicando, que os filósofos franceses Deleuze e Guattari irão chamar de *corpo sem órgãos*. A proposta deste artigo é abordar o comportamento nômade do poeta Al Berto representado no personagem Beno, seu *alter ego* e outros personagens na obra *Lunário*. O seu comportamento antissistema, no que tange as viagens, a escrita e a ruptura da sociedade convencional, permite um olhar crítico diante da sua literatura transgressora, homoerótica. A presente narrativa do *Lunário* reflete a caminhada urbana, labiríntica e noturna de Al Berto de forma fictícia, expondo um sujeito *flâneur*, aquele que evidencia, vagabundeia nas ruas, sem pouso fixo. Al Berto foi um escritor errante e sua afinidade com os poetas estadunidenses, os beatniks, — sinalizaram o movimento da contracultura dos anos de 1960 — serviram de influxos nas suas poesias, contando também com o poeta maldito Rimbaud do qual Al Berto inspirava forte admiração pelo seu comportamento rebelde e nômade. A literatura al bertiana se dis-

¹ Graduado em Licenciatura e Bacharelado em Letras Vernáculas pela UFBA; Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) na Linha 1: Leitura, Literatura e Identidades (UNEB); Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult/UFBA). Endereço eletrônico: erivaldodesousa1976@gmail.com.

tancia da literatura tradicional, carregando consigo marcas de uma literatura marginal, desterritorializada. A maior paixão do poeta era escrever e viajar, conhecer lugares incertos. Se disciplinava para escrever as viagens que fizera, registrava tudo num caderno de notas do qual era seu confessor e que compusera a sua obra-vida.

Palavras-Chave: Al Berto. Beno. Transgressor. Lunário.

BENO AS TRANGRESSIVE REPRESENTATION IN AL BERTO IN THE LITERARY WORK *LUNÁRIO*

Abstract: Alberto Raposo Pidwell Tavares (1948-1997) who used the pseudonym Al Berto was one of the greatest expressions of contemporary lusitanian literature of his time. A narrative of his romance *Lunario* (1988) talks about a metamorphosis writing in which we can notice in the plot a game of bodies of the characters among faces, cities and pubs. The author-narrator-character includes himself at the night-bird atmosphere, multiplying himself, it is what the French philosophers Deleuze and Guattari will name *body without organs*. The proposal of this article is approach the nomadic behaviour of the poet Al Berto represented in the character Beno, his *alter ego* and Other characters in the literary work *Lunario*. His antisystem behaviour in the field of trips, writings and in the break of conventional society allows a critical view of transgressive, homoerotic literature. The current narrative of *Lunario* reflects the urban walk, labyrinthic and night-bird of Al Berto in a fictitious way, showing a *flâneur* subject, one who shows, walking at random in the streets, without a harbour. Al Berto was an errand writer and his affinity with the North-American poets, the beatniks, signalled the beginning of the counterculture movement in the 1960'- served

as influences in his poems, also inspired by the meledicent poet Rimbaud for whom Al Berto had great admiration for his rebel and nomadic behaviour. The al bertian literature is far from the traditional literature, carrying with it traces of a marginal, de-territorialized literature. The greatest passion of the poet was to travel and to write getting to know uncertain places. He disciplined himself to write the trips he had done, registering everything in his book of registers which was his confessional register and which composed his literary work-life.

Key words: Al Berto. Beno. Transgressive. *Lunario*.

Um poeta insurreto

detesto escrever. não sou escritor pertencendo a qualquer turva academia de café. não faço mais nada senão escrever e não estou a preparar as mortais obras completas. vegeto por dentro da minha escrita. assumo a produção e a gestão do meu próximo lixo. de qualquer forma só sei escrever não sei fazer mais nada
(AL BERTO, 2017[1987], p. 44)

Alberto Raposo Pidwell Tavares (1948-1997), que usou pseudônimo de Al Berto. Filho de uma família rica por parte paterna, britânica. Seu pai, Alberto Pidwell Leal Tavares morre em um acidente de carro e sua mãe, Margarida Emília Simões Raposo Pidwell Tavares de família humilde e lusitana passara a viver uma vida tensa, depois da morte do seu marido, criando Al Berto e mais dois irmãos ainda crianças: Maria Cristina R. P. L. Tavares e António Cândido R. P. Tavares. Margarida Pidwell pressionada pela avó paterna dos seus filhos. Avó paterna de Al Berto era uma senhora bastante ríspida, que exigia a posse das crianças alegando que Margarida Pinwell, não tinha condições de criar sozinha as crianças. Mas sua mãe criou-os, educou-os e honrou o papel de pai e mãe ao mesmo tempo, mesmo com algumas interferências

dos avós paternos que de alguma forma também influenciaram na educação das crianças.

Al Berto com toda essa turbulência familiar, esse vai e vem, ora família paterna de uma parte, ora família materna de outra. Se desagrega do berço familiar para viver uma forma de vida fora da ordem estabelecida, distanciando do núcleo da família tradicional. Ainda na sua fase escolar estudou e formou em artes plásticas. Al Berto foi exilado na Bélgica nos anos de 1967, ano seguinte, 1968, eclodia o movimento da contracultura. Na Europa, especificamente na França, surgira um dos movimentos pioneiros da contracultura, o Maio de 1968. Em outros países da Europa e Estados Unidos das Américas foram surgindo desde então subgrupos internacionais de linhas subversivas expandindo-se para outros cantos do mundo. Sobre esse movimento da contracultura, explica o pesquisador Carlos Alberto Messeder Pereira (1983) em seu livro intitulado *O que é contracultura?*

Tratava-se, de fato, de um movimento de contestação que colocava frontalmente em xeque a cultura oficial, prezada e defendida pelo Sistema, pelo *Establishment*. Diante desta cultura privilegiada e valorizada, a contracultura se encontrava efetivamente do outro lado das barricadas (PEREIRA, 1983, p. 19).

Na fuga para Bélgica, Al Berto estudou artes plásticas, mas no seu regresso para Portugal, já tinha decidido em desistir da pintura, passando a se dedicar à literatura, especificamente a poesia. Sua vida então passou a ter uma tenaz ligação entre escrita e viagens. Esse seu comportamento radical de viajante e escritor, presente na sua vida *underground* que também pode ser encarado como uma forma de vida transgressora, relata aventuras em países que passara.

Assim, é através do seu romance *Lunário* (2012 [1988]) e outras biografias críticas trabalhadas neste artigo que têm

como intuito identificar traços errantes. Traços nômade dos quais Al Berto tanto almejou e, pois, em prática na sua vida de maneira sinuosa e rebelde.

O poeta lusitano viajara sempre em trens, aviões e navios. Antes de viajar fazia pesquisas minuciosas em mapas geográficos para encontrar cidades muitas vezes desconhecidas, bem ao estilo rimbaudiano. As suas aventuras de escritor andarilho e viajante gerou um pseudo diário. Caderno de anotações das suas viagens que fizera, trata de um confessional, um laboratório de escrita do qual Al Berto registrava cada momento da sua vida. Sempre em busca do seu *eu* experienciando *outros*. Em um trecho do livro *Lunário* o autor-narrador-personagem menciona a sua constante fuga, pensada e articulada, sem raízes, sem lugar fixo.

Mas nunca fugiu precipitadamente. Cada fuga era preparada com paciência e minúcia. Perdia noites traçando percursos complicados num mapa. Escrevinhava notas numa agenda com os cantos das páginas ratados e sujos. Consultava rotas marítimas, horários de comboios, de barcos e aviões (AL BERTO, 2012 [1988], p. 20-21)

Al Berto realiza uma literatura antiautoritária que se distancia do cânone literário, ou seja, produz uma literatura de cunho transgressora, que não consta nos padrões convencionais. O escritor associa viagem, escrita e vivência, do qual flerta com os princípios e valores dos poetas malditos do século XIX, Rimbaud, Verlaine, Poe, Mallarmé, dentre outros. Esses poetas tiveram grande influência de Charles Baudelaire. Essas referências de escritores malditos vão ser bastante significativas na literatura al bertiana. Como menciona Manuel de Freitas (1999) em seu livro intitulado *A noite dos espelhos*,

A transparência das alusões quase dispensa comentários. De um modo fluido e perifrástico, são evocados Mallarmé, Poe, Rimbaud, Bruce Chatwin (a metonímica "patagônia"), Rimbaud e,

eventualmente, Herberto Helder (“os passos em redor”), sem esquecer “o negrume dos mares de melville”. À exceção talvez de Poe — e seguramente de Mallarmé — estamos perante *modelos* que se vão de fato fazer sentir, com maior ou menor intensidade, na poesia de Al Berto (FREITAS, 1999, p. 14).

O livro *Lunário* tem essa característica transgressora, homoerótica, identificada com o cotidiano do escritor e representada pelo seu personagem fictício, Beno. O romance também é carregado de um ambiente marginalizado de sujeitos: drogados, andróginos, rebeldes, traficantes, homossexuais, solitários, escritores e mais do que nunca, viajantes, sem pouso fixo. Assim, o autor-narrador-personagem assume uma postura errante, apaixonado pela escrita livre, sem fronteiras e antiautoritária. A atmosfera, o lugar, pelo qual se passa a narrativa do romance *Lunário* também se pode afirmar que é um ambiente de fuga, sombrio, mas também de grande criação literária, pois traz à tona uma narrativa de uma literatura marginal, boemia como evidenciou os poetas malditos do século XIX, já mencionados acima. Al Berto, ou Beno, foi esse sujeito que alugava quartos de pensões para descanso das suas viagens. Era também nessas pensões chulas que criava e planejava a sua literatura de viagem, mas não ficara por muito tempo, sempre em escape. Baudelaire, poeta francês do século XIX, também foi um sujeito transgressor da sua época, um *flâneur*, alugava quartos de pensões, mas não ficara por muito tempo, suas passagens eram rápidas, evitando os custos do aluguel. Sobre afinidade literária e transgressora de Al Berto com Baudelaire, menciona Freitas:

É sabido que Baudelaire, leitor e tradutor de De Quincey, foi também autor — e em certa medida a personagem — de *Les Paradis Artificiels*, obra em que avalia as vantagens e desvantagens do álcool e do haxixe. O próprio Al Berto chegou a relacionar com Baudelaire o gosto imoderado pelas substâncias alteradoras da consciência que exaustivamente nomeou. Não julgo, porém, que tenha sido esse o

mais importante contributo baudelaireano para a de Al Berto (FREITAS, 1999, p. 16).

As ruas, as drogas, os bares, a prostituição, a vida noturna e boemia compõem a narrativa do romance *Lunário*. A fuga! O livro compõe sete capítulos que são intitulados: Crepúsculo, Lua Nova, Quarto Crescente, Lua Cheia, Quarto Minguante, Umbria e Cântico. Três (capítulos) fenômenos naturais e quatro (capítulos) fazes lunar, demonstrando a noite e o amanhecer (alvorecer) das ruas e as viagens incessantes. Assim, em *Lunário* fica perceptível o quanto a sua narrativa é híbrida, pois o autor-narrador-personagem expõe grande afinidade com a música *underground*, a exemplo, do grupo de rock, Velvet Underground, fundo musical do romance, sempre tocada nos bares como o Lura e o Stars, bares frequentados pelos personagens da obra. O autor também menciona na narrativa a relação com a pintura, se referindo ao pintor francês Monet, em uma breve passagem no livro,

— Que raios! Na sua idade, uma senhora [Alba] já... rua daqui, não é permitido dançar no meio dos nenúfares do senhor Monet. Rua, por favor, rua! Que isto não é nenhuma pista de discoteca nem uma aula de canto... são os nenúfares, entendeu? Isto é um museu... muuuuuseu! (AL BERTO, 2012 [1988], p. 74).

Portanto, a literatura al bertiana tem um grande influxo com a música, a pintura, dentre outras artes, como, por exemplo, o cinema e a fotografia. Todas essas artes, o poeta se relaciona sempre no âmbito antiautoritário, na perspectiva livre e radical da sua literatura.

Reflexo da rebeldia, notívaga e nômade

A verdade é que desde os quinze anos nunca mais parei de viajar. Atravessei cidades inóspitas, [...] mudei de casa quarenta e quatro vezes e conheci

corpos que deambulavam pela vasta noite...
Avancei sempre, sem destino certo.
(AL BERTO, 2012 [1993], p. 9)

Al Berto sempre foi um sujeito que viajara em busca de outros lugares dos quais não tinham ideia donde se pisava, ou seja, não conhecia as pessoas que ali habitavam, ou as ruas que ali caminhava. Se envolvia de corpo e alma em atmosferas mórbidas, aos riscos duma experiência de vida marginalizada bastante presente em sua narrativa de escritor errante. Portanto, é trabalhado aqui passagens do romance em prosa poética *Lunário* do poeta Al Berto. Serão abordados traços que remetem o nomadismo do personagem e protagonista, Beno, o seu comportamento homoerótico e/ou andrógino. Além de outros personagens mencionados como desvios comportamentais e culturais representados em sua narrativa. Ressalta o autor, “Beno inventou assim tantos rostos, tantas máscaras, como quantas cidades habitou ou atravessou. [...] Evitava que as cidades e seus habitantes se habituassem demasiado à sua presença, de dia a dia mais andrógina” (AL BERTO, 2012 [1988], p. 20). A sexualidade desregrada, a questão do âmbito noturno que acontece em toda a trajetória da obra, por exemplo, nas cidades, nos cafés, nos bares, nas drogas, nas prostituições e outros redutos. Tudo isso tratado pelo autor-narrador-personagem, representado por Beno, um sujeito rebelde, notívago e nômade. “Uma outra cidade se levantava assim que o dia recolhia. Cidade de excessos e de abismos, sangue e de música, de drogas e de sexo, de banalidade e de beleza” (AL BERTO, 2012 [1988], p. 43) Alguns personagens são mencionados como destaque no romance, a exemplo, de “[...] Lúcio, Gazel, o putto louro [Nému], e também Zohía e Alba, Alaíno e Kid, rostos, cidades, corpos...” (AL BERTO, 2012 [1988], p. 36) personagens que darão um tom marginal e dos quais agregam todo um corpo do personagem Beno, “[...] crescia dentro dele [Beno] a certeza de que Nému, e todos os outros, eram agora órgãos do seu corpo, faziam parte dele — e, dis-

persos, vivos ou mortos, pertenciam-lhe para sempre, enquanto vivesse” (AL BERTO, 2012 [1988], p. 150). Sobre a questão do personagem-narrador pós-moderno que é bastante perceptível no romance *Lunário*, se trata do autor-narrador-personagem, Al Berto *alter ego* de Benó, e outros personagens que compõem toda a trama do romance.

Diante disso tudo, é mencionado uma breve passagem do livro *Mil platôs* dos filósofos Deleuze e Guattari (1995 [1925]), dos quais explicam a questão do *corpo sem órgãos*, do corpo múltiplo, desse corpo soma, que não está nem no início, nem no meio e nem no fim, mas integra a tudo ao mesmo tempo, *o corpo sem órgãos* que se trata dessa fusão de corpos. No romance *Lunário* percebe-se a trama que envolve os personagens em um só corpo, ou seja, Benó se funde a outros personagens, tornando-se um único corpo. Benó, portanto, é um corpo sem órgãos, antissistema que se rebela contra a sociedade hegemônica.

Um corpo sem órgãos não é um corpo vazio e desprovido de órgãos, mas um corpo sobre o qual o que serve de órgãos se distribui segundo movimentos de multidões, [...] O corpo sem órgãos não é um corpo morto, mas um corpo vivo, [...] O corpo pleno sem órgãos é um corpo povoado de multiplicidade. (DELEUZE; GUATTARI, 1995 [1925], p. 43-44).

Sobre a marginalidade dos personagens na obra *Lunário*, o autor expõe:

Uns tinham fugido de casa dos pais, outros tinham-se exilado voluntariamente do mundo. Viviam espalhados por apartamentos de subúrbio, ou tinham viajado para países distantes donde raramente regressavam. E, dos que seria necessário fazer para não sucumbir em tamanha desolação. Nenhum deles tentara sequer explicar aos outros que estranho vazio se apoderara de si (AL BERTO, 2012 [1988], p. 95).

Percebe-se, portanto, nessa passagem do romance *Lunário*, uma juventude marginalizada que não se encaixa

com o padrão de vida estabelecido, que negam o vínculo da família nuclear, para viver uma vida livre. Sem dogmas, sem regras, sem autoridades. Se tratam de sujeitos em constates fugas, uma pequena parcela de pessoas desterritorializadas, sem moradas fixas e de um comportamento contracultural, em oposição a sociedade convencional. Sujeitos fora da ordem estabelecida. Bandos, nômades como diz, Hakim Bey (2004 [1991]), em seu livro intitulado TAZ: zona autônoma temporária.

A família nuclear, com suas conseqüentes “dores edipianas”, parece ter sido uma invenção neolítica, uma resposta à “revolução agrícola” com sua escassez e hierarquia impostas. O modelo paleolítico é mais primário e mais radical: o *bando*. O típico bando nômade ou seminômade de caçadores/coletores é formado por cerca de cinquenta pessoas (BEY, 2004 [1991], p. 23).

É no capítulo de título *Crepúsculo* que o autor faz um apanhado da trajetória de vida de Beno. Um Beno andarilho, errante, e desapegado com os bens materiais, menciona o escritor,

‘Sempre levei na bagagem muito pouca coisa’, pensou Beno, esticando o pescoço para frente de modo a seguir o voo sinuoso duma gaivota no enquadramento da janela. ‘Uma ou duas camisas, t-shirts, dois ou três pares de calças e uma infinidade de minúsculos objetos que nunca me serviam para nada. Viajei com o absolutamente necessário. E ao chegar a qualquer lugar comprava o que me fazia falta, depois, assim que prosseguia caminho, deixava tudo fora. Sempre achei que o que me era útil e indispensável num sítio deixaria de o ser noutra...’ (AL BERTO, 2012 [1988], p. 11).

Percebe-se então, um Beno deslocado, um indivíduo que viajava com pouca bagagem, com um número pequeno de roupas e outros pequenos utensílios. Beno, não tinha morada fixa e era um indivíduo notívago, das noites, das cida-

des. Afirmar o autor nas palavras de Beno, “Nesse tempo, não tinha casa nem lugar certo para morar. Durante anos morei em casa de amigos ou em quarto de pensão, [...] e em mim evocavam encontros felizes, fortuitas complicitades, ou simples travessias da noite das cidades” (AL BERTO, 2012 [1988], p. 12). Beno era um desses jovens errantes, boêmios que trocavam os dias pelas noites. Mas também se isolava para o embrutecimento do mundo. “De resto, não tinha mais contatos com o exterior” (AL BERTO, 2012 [1988], p. 14). Fascinado pela noite, Beno dizia, “O coração da noite, o eixo das paixões onde sempre movi. O pulsar vertiginoso do mundo...” — balbuciou Beno (AL BERTO, 2012 [1988], p. 15).

Para nível de contexto com essa realidade nômade de Beno, é mencionado uma breve passagem do livro de Walter Benjamin (1989) intitulado *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, do qual o autor influenciado pelo poeta Baudelaire vai tratar de uma de suas alegorias que é o *flâneur*. O *flâneur* é esse indivíduo noturno, andarilho, boêmio, vagabundo que se opõe ao modelo burguês, capitalista. O conhecedor das ruas, dos bares e de todo o sobejo da sociedade hegemônica. Afirmar Benjamin,

A rua se torna moradia para o *flâneur* que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após trabalho, observa o ambiente. Que a vida em toda a sua diversidade, em toda a sua inesgotável riqueza de variações, só se desenvolva entre os paralelepípedos cinzentos e ante o cinzento pano de fundo do despotismo: eis o pensamento político secreto da escritura de que faziam parte as fisiologias (BENJAMIN, 1989, p. 35).

Tudo isso, mencionado acima, na citação de Benjamin, vai ter um grande influxo com a vida noturna de Beno, pois Beno flanava com as cidades. Um sujeito de vida intensa, andarilho de becos e vielas. Aventureiro que experimenta a viver ao sabor de uma realidade frenética em constatação perigosa. Sujeito vagabundo desacreditado do sistema social.

Em outra passagem do livro de Benjamin, ele menciona:

Uma embriaguez acomete aquele que longamente vagou sem rumo pelas ruas. A cada passo, o andar ganha potência crescente; sempre menor se torna a sedução das lojas, dos bistrôs, das mulheres sorridentes e sempre mais irresistível o magnetismo da próxima esquina, de uma massa de folhas distantes, de um nome de rua. Então vem a fome. Mas ele [o *flâneur*] não quer saber das mil e uma maneiras de aplacá-la. Como um animal ascético, vagueia através de bairros desconhecidos até que, no mais profundo esgotamento, afunda em seu quarto, que o recebe estranho e frio (BENJAMIN, 1989, p. 186).

Retomando a questão de Beno, sujeito transgressor na obra *Lunário*, percebe-se no romance traços do personagem, Beno, como um sujeito envolvido na prostituição, um rapaz de programa. Beno, passa a se relacionar com uma mulher muito mais velha do que ele, em troca de dinheiro. Mas não é consumado o ato sexual e sim a posse do dinheiro.

E via agora, com nitidez, o dia em que trocara o corpo por... já não se lembrava o quê, nem quanto. E a noite em que o vendera a uma velha completamente t.s.; [...] A velha metera os dedos na cona e lambuzara-se com a lama e quisera que Beno lhe mordesse a cona, enquanto gritava que era ela o “sumo da terra”, que era ela a “esporra das estrelas, [...] Beno acabara por vir-se para o chão e fugira com o dinheiro (ALBERTO, 2012 [1988], p. 50).

Sobre a prostituição ressalta Benjamin,

[...] a revolta sexual contra o amor não tem origem apenas em vontade fanática, obsessiva de prazer, mas pretende ainda submeter a natureza e conformá-la a esta vontade. Ainda mais nítidos se tornam os traços em questão, quando se considera a prostituição não tanto como um elemento antagônico ao amor, mas sim como a sua decadência (BENJAMIN, 1989, p. 242).

Em seguida a narrativa do romance *Lunário*, ou melhor, a trajetória de Beno como um jovem noturno, perpassa em um bar e/ou boate gay, primeiro encontro com o personagem, Nému, que se apaixona por Beno e passam a viver um relacionamento intenso. “Beno despiu-se. O rapaz [Nému] puxou-o para si beijaram-se e amara-se sem descanso manhã adiante” (AL BERTO, 2012 [1988], p. 57). Em outro momento da narrativa aparece uma outra personagem chamada Alba que também era apaixonada por Beno e tinha um filho juntos, fruto dessa paixão, chamado Silko. Criara uma espécie de amor livre: Nému, Alba e Beno. Todos sabiam do relacionamento e havia nessa tríade amorosa, respeito e amizade. Além de contar também com a quebra da moral instituída pela sociedade hegemônica.

Daí em diante fica a trama, o jogo da história homoe-rótica, se Beno é homossexual ou bissexual. Outras experiências sexuais são abordadas na narrativa, como, por exemplo, a androginia do personagem Kid, da qual o escritor menciona esse comportamento andrógino narrando a morte do personagem. “Estava assim vestido de forma esquisita, com umas peças de vestuário masculinas e outras femininas. Estava maquiado com exagero, tinha os olhos e os lábios pintados de negro” (AL BERTO, 2012 [1988], p. 100). E o comportamento andrógino do próprio Beno. Afirmara o autor, sobre a condição sexual de Beno,

[...] Beno dissera que lhe era completamente indiferente que a pessoa com quem partilhasse sentimentos, ou emoções, fosse deste ou daquele

sexo. Nunca tivera necessidade de justificar, ou afirmar, a sua sexualidade — como alguns dos seus amigos faziam, até ao cansaço e à vulgaridade, com espanto (AL BERTO, 2012 [1988], p. 81-82).

E completava o argumento:

A 'moral' era uma treta que não lhe dizia respeito. Era-lhe alheia, pura e simplesmente alheia. O que sempre o fascinara e seduzira era o amor, a amizade e a paixão que cada ser pode dar como um dom, e receber como uma dádiva. Sobretudo, era a qualidade intemporal dos sentimentos e dos prazeres que o atraíam, e isto, nada tinha certamente a ver com este ou aquele sexo (AL BERTO, 2012 [1988], p. 82).

Pois, então, o romance *Lunário*, traz elementos da contracultura, como a questão das viagens e a oposição com a cultura dominante. O romance destaca uma juventude marginalizada da qual rompe com o modo convencional da sociedade vigente. Uma juventude sem morada fixa. Jovens notívagos envolvidos com drogas, sexo e prostituição. Mas, essa juventude também mantinham um intenso laço de amizade. Cada jovem com sua função artística literária, escreviam um ao outro.

Assim, segue a sua trajetória de nômade, errante das cidades noturnas e decadente. Beno continua a caminhar solitário, como dantes:

Começa a nevar. Caminhou mais depressa, meteu as mãos nos bolsos, levantou a gola do casaco e pensou: 'A minha vida foi um percurso obscuro, sem finalidade, errante... mas para que estarei eu a pensar nisto? errante... onde cada pergunta feita não obteve necessariamente uma resposta. E talvez não houvesse resposta nenhuma, apenas perguntas... perguntas que se corroeram umas nas outras' (AL BERTO, 2012 [1988], p. 150).

Beno tivera perdas dos amigos(as), outros viajaram como no caso de Alba, Alaíno e Nému. O seu grande parceiro

das noites; o Kid, morre, e seu corpo foi encontrado com fortes maquiagens sentado em um banco de uma praça; Zohía, enlouquece e é internada em uma clínica psiquiátrica. Beno então, são os rostos, as cidades e os corpos de uma delirante realidade errante e notívaga. O corpo múltiplo, o *corpo sem órgãos* como afirmara Deleuze e Guattari, esse corpo sem órgão “Pode ser uma casa, um cômodo de casa, tantas coisas ainda qualquer coisa” (DELEUZE; GUATTARI, 1995 [1925], p. 43). Portanto, a narrativa do romance *Lunário* é essa escrita metamorfose, donde autor-narrador-personagem se fundem, Al Berto *alter ego* de Beno e outros personagens.

Fora do sistema

As viagens estão intimamente ligadas aos meus livros. Àqueles que o tempo destruiu, tornou impublicáveis — ou eu rasguei, queimei, perdi (AL BERTO, 2012 [1993], p. 12)

Al Berto escolheu sua forma de vida — nômade, transgressora, andarilha, poeta, andrógina, homoafetiva — evidenciando um período, pós-ditadura ou pós-74. Período do qual findou o regime totalitário de Salazar em Portugal pela Revolução dos Cravos e início da *democracia* no país. Essa *democracia* lusitana abriu espaço para as artes de forma geral, proporcionando uma forte expressão em diversos campos: na música, no cinema, na literatura, na cultura, na economia e na política do país. Portugal, Pós-74, ainda com muitos resquícios conservadores gerou uma parcela de jovens inconformados com a realidade lusitana. Al Berto, se insere nesta realidade como um sujeito transgressor que colide com aquelas normas estabelecidas na sociedade. A literatura al bertiana é de expressão contestadora e de grande influência do movimento de intelectuais estadunidense

dos anos de 1950 *beatnik*², grupo de poetas que serviu de ponte para a eclosão do movimento da contracultura nos anos de 1960.

Al Berto foi um sujeito insurreto, poeta radical, contra o sistema autoritário e/ou totalitário. A literatura al bertiana é uma literatura de trânsito que permite um olhar inter(in)disciplinar da qual rompe qualquer fronteira. Não se trata de uma literatura tradicional, nem estática. Para isso o escritor trabalhou fortemente a sua escrita. Por conta disso, o poeta buscava (in)disciplina para escrever e viajar. Escrevia por que gostava de escrever, não havia outra paixão. Viajava com a companhia da sua mala da qual carregava algumas *coisas*, o necessário para a sua sobrevivência. Sempre em fuga, um nômade em busca de outros lugares, de outras vidas, de outras realidades. “Vivia como nômada. [...] Habitou-se aos calores sufocantes. Os climas tornaram-se-lhe familiares, deslocava-se através deles, ciclicamente, [...] guiados pelas estrelas, alheios ao mundo, dormindo onde calha” (AL BERTO, 2012 [1988], p. 22). Nesse pequeno trecho do romance *Lunário* percebe-se o quanto Al Berto era esse sujeito solitário e nômade, um conhecedor do tempo. O nomadismo trata-se de uma prática que é secular, que fora praticado por grandes navegações, no período colonial e que também se pode entender na contemporaneidade como ato de fuga, autoconhecimento e de trocas de experiências de sujeitos que praticam o nomadismo, ou bandos que se rebelam contra o sistema. Ou seja, o nomadismo pode ser entendido para o bem (transformação, conhecimento do sujeito, contra países imperialistas) ou para o mal (domínio político,

² Trata de um movimento que surge nos Estados Unidos das Américas, nos meados dos anos de 1940, primeiro levante, e nos anos de 1950, o segundo levante. Conhecidos também como Beat Generation foi um movimento de sujeitos marginalizados, nômades que viajavam em vagões de trens e navios. Andarilhos que negavam qualquer tipo de envolvimento com o sistema capitalista. E sempre estavam inseridos nas produções artísticas *undergrounds*, especificamente a poesia marginal.

cultural ou religioso de um determinado povo). Sobre esse fenômeno explica o sociólogo francês Michel Maffesoli (2001),

[...] qualquer que seja o nome que se lhe possa dar, a errância, o nomadismo está inscrito na própria estrutura da natureza; quer se trate do nomadismo individual ou social. De alguma forma, está aí a expressão mais evidente do tempo que passa, da inexorável fugacidade de todas as coisas, de sua trágica evanescência. É tal irreversibilidade que está na base desse misto de fascinação e de repulsa que exerce tudo aquilo que se parece com mudança. Os contos, as lendas, a poesia, e a ficção têm, longamente, tratado desse tema. E isso de um modo tanto mais obsessivo quanto o próprio do destino é ser indomável (MAFFSOLI, 2001, p. 37-38).

O nomadismo em Al Berto, é uma resposta em oposição ao meio convencional. Para isso, ele teve influência com grandes pensadores rebeldes, a exemplo, do poeta francês Arthur Rimbaud que evidenciou o nomadismo de forma contundente. Jovem rebelde que se envolvera em um relacionamento polêmico com o poeta Paul Verlaine o qual por discussão num quarto com Rimbaud saca uma arma e dispara dois tiros, um dos tiros atinge uma das mãos de Rimbaud. “A primeira bala o acerta no antebraço esquerdo. A segunda passa de raspão e acaba no assoalho” (BARONIAN, 2011, p. 111). Outro fato polêmico que envolve Rimbaud foi o comércio de armas ilegais na África. Rimbaud foi um poeta errante, rebelde, escritor e viajante. Por ironia da sua vida, é vitimado de um câncer em uma das suas pernas, a direita, tendo que amputá-la. “Eles [os médicos] se reúnem e concluem que a doença do paciente é consequência de uma propagação, pela medula óssea, do câncer que exigiu a amputação da perna. Açam que ele está condenado” (BARONIAN, 2011, p. 196). Em consequência disso, Rimbaud (o poeta andarilho) morre ainda jovem, aos 37 anos. No último livro de Al Berto intitula-

do *Horto de incêndio* (1997)³ ele declama um poema em homenagem ao poeta Rimbaud, — Morte de Rimbaud dita em voz alta no Coliseu de Lisboa, a 20 de novembro de 1996 — no ano seguinte, 1997, Al Berto falece.

Al Berto, foi um poeta que sempre almejou por liberdade, assumindo uma conduta marginal, antissistema. O poeta, boêmio, *flâneur*. Contestava contra a ordem estabelecida. Amante da escrita e das viagens. Assim, foi o poeta Al Berto, simples, mais visceral em sua atitude expressiva e insurreta. Essa vida intensa, radical, desregrada e precoce que vivera, terá uma consequência, a sua própria morte. Morreu ainda jovem, aos 49 anos de idade, vítima de um câncer, linfoma, consequentemente a AIDS. Al Berto foi um poeta rebelde de grande expressão na literatura contemporânea portuguesa. Ele optou em viver da sua forma, distante da ordem estabelecida, um fora do sistema.

Referências

AL BERTO. *O anjo mudo*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2012 [1993].

AL BERTO. *O medo*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2017 [1987].

AL BERTO. *Lunário*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2012 [1988].

BARONIAN, Jean-Baptiste. *Rimbaud*. Trad. Joana Canêdo. — Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

BEY, Hakim. TAZ: zona autônoma temporária. Trad. Renato Rezende. 2. ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004 [1991]. — (Coleção baderna)

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas; v. 3)

DELEUZE, Gilles. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1/ Gilles Deleuze, Félix Guattari; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. — Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995 [1925]. 94 p. (Coleção TRANS)

FREITAS, Manuel de. *A noite dos espelhos: modelos e desvios culturais na poesia de Al Berto*. Lisboa: Frenesi, 1999.

³ Esse livro faz parte do seu trabalho poético intitulado *O medo* (1974-1997).

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

PEREIRA, Carlos Alberto M. *O que é contracultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

[Recebido em: 17 jan. 2022 — Aceito em: 19 out. 2022]